

GÊNERO MASCULINO NA ENFERMAGEM: ESTUDO DE REVISÃO INTEGRATIVA

MALE GENDER IN NURSING: INTEGRATION REVIEW STUDY

Orcélia Pereira Sales 1

Bruno Coelho Lima Bueno 2

Kaio Erlyn Vieira Araújo 3

Aurystela Dhâmblea Ferreira de Jesus 4

Celma Martins Guimarães 5

Enfermeira (PUC 2003). Especialização: Educação e Promoção da Saúde (UnB 2005); e Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem (ENSP 2005). Professora Universitária: Universidade Paulista (2003-2010); Instituto Tocantinense de Ensino Superior e Pesquisa- ITOP (2017- atual). E-mail: orceliasales@gmail.com

Graduação em Enfermagem pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2017). Pós-Graduação em Enfermagem em Emergência e Urgência com ênfase em Transporte aéreo (2018). Pós-Graduação em Enfermagem em UTI (cursando). Mestrado em Atenção à Saúde (cursando). E-mail: brucoc28@hotmail.com

Graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Brasil(2017). E-mail: kaio_erlyn5@hotmail.com

Graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2006). Especialista em Urgência e Emergência em Enfermagem pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2008). Atualmente é Assessora Técnica do Programa Estadual das Meningites na Diretoria de Doenças Transmissíveis e não Transmissíveis da Superintendência de Promoção e Proteção a Saúde. E-mail: dhamblea.enfermeira@gmail.com

Graduação em Enfermagem pela Universidade Católica de Goiás (1966), mestrado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1977), doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1982) e Pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (1995). Atualmente é professor titular da Universidade Católica de Goiás. E-mail:martinsguimaraescmg@gmail.com

Resumo: *Esse estudo tem como objetivo geral investigar as produções científicas sobre a trajetória percorrida pelos homens no exercício da enfermagem. A revisão integrativa incluiu consultas ao portal da Biblioteca Virtual em Saúde. Florence Nightingale empoderou o trabalho das mulheres o que foi um grande feito para aquela época, no entanto, o ingresso dos homens na enfermagem sofreu preconceitos. Mas, a história mostra, que os homens têm trabalhado no processo de cuidar desde a antiguidade, exercendo o atendimento enquanto xamãs, curandeiros, magos e sacerdotes nas sociedades primitivas. Na enfermagem, os homens tiveram um maior predomínio durante as ordens religiosas no período medieval, e durante e após a Primeira e Segunda Guerra Mundial, onde era necessário enfermeiro do gênero masculino, principalmente em hospitais e campo de guerra.*
Palavras-chave: *Enfermeiro; História da Enfermagem; Preconceito de Gênero.*

Abstract: *This study has as general objective to investigate the scientific productions about the trajectory of the men in the exercise of the nursing. The integrative review included inquiries to the Virtual Health Library portal. Florence Nightingale empowered women's work, which was a great achievement for the time, however, men's admission to nursing was prejudiced. But history shows that men have worked in the process of caring since antiquity, exercising care as shamans, healers, magicians and priests in primitive societies. In nursing, men had a higher prevalence during religious orders in the medieval period, and during and after World War I, where male nurses were needed, especially in hospitals and the war camp.*
Keywords: *Nurse; History of Nursing; Sexism.*

Introdução

Historicamente Hipócrates é considerado o pai da enfermagem, pois em, 460 a.C. já orientava seus discípulos a cerca da necessidade de observação e assistência ao doente, através de pessoas com conhecimentos e habilidades; desenvolveu assim, um papel fundamental na área da saúde, já que aboliu os misticismos e superstições em detrimento ao diagnóstico e tratamento das doenças, a cura passou a ser parte do equilíbrio do ser humano, e Hipócrates foi considerado como o “pai da medicina” (SANTOS, 2012).

O cuidar e a enfermagem sofreram grande influência do cristianismo, pois muitos cristãos dedicaram sua vida à prática da caridade, o que contribuiu para o surgimento de inúmeras congregações religiosas que eram constituídas por mulheres e homens com a missão de cuidar dos pobres e doentes. Os principais religiosos cristãos que são considerados precursores dos homens enfermeiros foram: São Vicente de Paulo, que tomou como sua missão visitar os doentes; São Camilo de Lellis, que após apresentar uma enfermidade passou a cuidar dos doentes, fundando a Congregação dos Ministros dos Enfermos, (sendo autorizado a usar uma grande cruz vermelha sobre o peito), e também desenvolveu atividades hospitalares enfatizando as técnicas de higiene e boa ventilação; São Domingos de Gusmão dedicou sua vida ao serviço dos pobres e enfermos; São João de Deus acolhia e cuidava pessoalmente dos desamparados e doentes, em sua própria casa (NETO PEREIRA, 2006).

A profissão de enfermagem tem como foco o cuidar, que é uma palavra de origem latina e provavelmente, surgiu no transcorrer dos séculos XIII/XIV, sendo também chamada de *cogitare* (pensar, supor, imaginar) ou *curare* (tratar de, pôr o cuidado em), denotando etimologicamente atenção, cautela, zelo e desvelo. Na história da enfermagem o cuidado é exercido, principalmente por pessoas do sexo feminino, e foi construído e reconstruído numa realidade acompanhada por conceitos, estereótipos e preconceitos, o que teve influencia no processo de inserção do homem na enfermagem (COELHO, 2005; COSTA *et al.*, 2009; GUANAES-LORENZI, 2013).

Devido à enfermagem ter sido usualmente associada ao cuidado, (com predomínio da figura feminina), a participação do homem (enfermeiro) tem sido pequena (MARTINS *et al.*, 2006). O cuidado com predomínio de mulheres levou a uma relação de subalternidade (das enfermeiras em relação à profissão médica, esfera majoritariamente masculina).

Florence Nightingale defendeu a enfermagem como uma profissão para as “damas”, por isso não envolvia os homens, e afirmava que as mãos destes eram inadequadas para o cuidar. Ela estabeleceu o mito da enfermeira mulher, afirmando que era “natural” para essas serem enfermeiras, e, inversamente, “não natural” para os homens. Nightingale promoveu a visibilidade da enfermagem, mas colocou as mulheres enfermeiras em um lugar de subalternidade e inferioridade em relação ao homem (médico). (PADILHA, MANCIA, 2005; COSTA *et al.*, 2009).

A história mostra que, nas guerras, os homens exerciam o papel de enfermeiro, apenas quando eram considerados não aptos para atuar nos campos de batalha, exercendo tais cuidados como enfermeiro, como um tipo de “castigo” (BARBOSA *et al.*, 2009).

Do Reino Unido a enfermagem evoluiu nos Estados Unidos (EUA), e sofreu várias influências quanto aos papéis atribuídos e desempenhados. A carreira passou a incorporar atividades e atitudes diferentes, em diversos momentos, advindos da feminização.

A relação entre homens e mulheres enfermeiros tem sido um pouco menos discrepante nos Estados Unidos, devido à frequência de guerras, isso favoreceu a maior presença de homens na enfermagem. Nos anos mais recentes (2010–2013) tem havido movimentos direcionados para abrir o mercado de trabalho de enfermagem para os homens. Para tal, os salários tem-se diferenciado, para maior, em benefícios dos homens e têm surgido possibilidades de atuação diferenciada para enfermeiros anestesistas (MACWILLIAMS; SCHMIDT; BLEICH, 2013; BRADY; SHERROD, 2003).

Apesar da pouca quantidade de estudos focalizando o papel do homem na enfermagem, ainda existem grandes lacunas quanto às suas características, papéis desempenhados, serviços existentes, possibilidades de ampliação quantitativa dos enfermeiros e abertura de áreas valorativas.

Nesse sentido, esse estudo tem como objetivo geral investigar as produções científicas que versam sobre a trajetória percorrida pelo gênero masculino no exercício da enfermagem.

Método

A revisão integrativa é uma abordagem metodológica integral que permite uma ampla visão e a síntese do conhecimento, e a aplicabilidade dos resultados dos estudos significativos para a prática clínica. O estudo foi pautado nas seguintes fases: 1) fundamentação dialética; 2) busca das publicações de estudos relacionados à presença do gênero masculino na enfermagem; 3) análise dos estudos encontrados; 4) revisão dos estudos mais relevantes nos Estados Unidos, Reino Unido e no Brasil e; 5) descrição dos resultados e discussão (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010). A pergunta norteadora direcionou-se para a seguinte questão: como ocorreu a inserção do gênero masculino na área da enfermagem?

O levantamento bibliográfico inclui consultas ao portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), contemplando as bases de dados LILACS (*Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde*); SciELO (*Scientific Electronic Library on Line*), e plataforma da CAPES. De acordo com os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS) foram utilizados os seguintes indexadores, controlados através do operador booleano “and”: enfermagem; homem; enfermeiros; preconceito de gênero; gênero e saúde.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos, dissertação ou tese, indexado nas bases de dados, publicados nos últimos dezessete anos, com resumos disponíveis e acessados na íntegra, pelo meio *online* nos idiomas português e inglês.

A análise metodológica foi desenvolvida de conformidade com as formulações teóricas específicas da dialética utilizando-se para a análise os fundamentos emitidos por Minayo, no que diz respeito à análise temática (MINAYO, 2001). Portanto, a construção da análise e discussão das informações emergiu da articulação do conteúdo dos textos em consonância com os objetivos almejados.

Resultados

Os dezessete (17) estudos que atenderam aos critérios de inclusão, foram analisados e discutidos na perspectiva de revisão integrativa, conforme mostra a Tabela (o número de participantes desses artigos foi quarenta e sete (47), assim agrupados: doze (12) enfermeiro(a); sete (7) mestres (6 mestres em enfermagem e 1 mestre em ciências da saúde); 16 com título de doutor (8 em enfermagem, 1 em história, 1 em saúde pública, 1 em psicologia, 3 em ciências da saúde, 1 em saúde da criança e 1 em educação); 1 psicólogo; 12 participantes não especificaram a formação, e também não foram encontrados seus currículos na Plataforma *Lattes*. Quanto ao ano de publicação, em 2008 foram três (3) publicações; 2009 e 2011, dois (2) artigos; e em 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2013, 2015 e 2016 com apenas (1) estudo publicado (anualmente foram publicados 7 estudos).

Houve uma diversificação em relação ao local e instituição de origem dos artigos sendo de São Paulo originalmente (5) estudos (2 da Universidade de São Paulo, 1 da Universidade de Santo Amaro, Universidade Estadual Paulista de Assis). O Rio de Janeiro foi representado por Universidade Federal Fluminense (1 estudo); a cidade de Salvador, através da Universidade Federal da Bahia também deu contribuição em (1) estudos. O sul do Brasil participou com estudos publicados em Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2) estudo); Universidade Federal de Santa Catarina (1). Quatro (4) estudos foram publicados nos Estados Unidos; um (1) no Canadá; um (1) em Portugal (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra). Totalizando 6 estudos. Em relação a origem das publicações houve predomínio do Brasil com onze (11) artigos, seguido pelo EUA com (4) e o Canadá com (1) publicação.

Tabela 1. Descrição dos estudos incluídos na revisão integrativa, segundo autor(es), formação profissional, local e instituição, objetivo, delineamento, síntese.

Autor (es) /Ano	Formação profissional	Local/Instituição do estudo	Objetivo	Síntese
SARNECKY, M. T. (1999)	Não especificado	EUA/ University of Pennsylvania	Discuti a participação do homem na enfermagem	Os estereótipos, a opção por enfermeiras afetaram o ingresso dos homens na Enfermagem
^I SANTOS, C. E.; ^{II} TAKAHASHI, R. T. (2000)	^I Mestre em Enfermagem; ^{II} Doutora em Enfermagem	São Paulo/ Universidade de Santo Amaro	Desvelar a trajetória de enfermeiros formados por uma escola pública.	A inserção no mercado de trabalho para o enfermeiro do sexo masculino é difícil.
^I PARGA, E. J. S.; ^{II} SOUSA, J. H. M.; ^{III} COSTA, M. C.; ^{IV} FERREIRA, S. L. (2001)	^I Enfermeiras ^{II} Doutora em Enfermagem	Salvador/ Universidade Federal da Bahia	Identificar estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem	Existe estereótipos e preconceitos sexistas relacionados ao trabalho e a outros aspectos da vida
BRADY, M. S.; SHERROD, D. R.; (2003)	Não especificado	Carolina do Sul/ Estados Unidos da América (EUA)	Aumentar a conscientização sobre os desafios enfrentados pelos estudantes de enfermagem do sexo masculino e oferecer estratégias para reter esses alunos	Os homens continuam representando uma pequena porcentagem da força de trabalho de enfermagem.
MACHADO, W.C. (2004)	Enfermeiro	Rio de Janeiro/ Universidade Federal Fluminense	Propõe uma releitura mais ampla das conjunturas históricas sobre gênero e práticas de cuidar	A inserção do homem nos contextos de prática clínica e social de cuidar, no âmbito da Enfermagem tem sido desempenhado sob novos contornos
^I OJEDA, B. S.; ^{II} EIDT, O. R.; ^{III} CANABARROIS. T.; ^{IV} CORBELLINI V. L.; ^V CREUTZBER M. (2008)	^I Doutorado em Psicologia; ^{II} Doutorado em Ciências da Saúde; ^{III} Doutorado em Medicina Saúde da Criança; ^{IV} Doutorado em Educação; ^V Mestre em Enfermagem	Porto Alegre/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Analisar regimes de “verdades” que perpassam a profissão Enfermagem	A presença masculina na enfermagem ainda é vista por homens e mulheres, como uma prática não ligada à natureza masculina
^I CAMPOS P. F. S.; ^{II} OGUISSO T. (2008)	^I Doutorado em Saúde Pública; ^{II} Doutorado em História	São Paulo/ Universidade de São Paulo	Contribuir para a reflexão em torno das representações da identidade profissional da enfermagem brasileira.	A presença masculina na enfermagem encontrou na religião uma das possibilidades de acesso no ensino profissional
PEREIRA, P. F. (2008)	Mestre em Enfermagem	Porto Alegre/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Discute a questão de gênero na escola, na formação e no exercício profissional de enfermagem	Homens enfermeiros são prejudicados por atuarem nessa profissão tipicamente feminina

WALL, B. M. (2009)	Enfermeira	EUA/ University of Pennsylvania, Philadelphia	Mostrar a crenças religiosas, práticas e representações dos Irmãos Alexianos, uma ordem, e o papel do gênero	Os irmãos Alexian desafiam o domínio da "mulher" na maioria das análises de gênero de enfermagem.
^I COSTA, R; ^{II} PADILHA, M. I. P; ^{III} AMANTE, N. L.; ^{IV} COSTA, E.; ^V BOCK, L. F. (2009)	^I Doutoranda em Enfermagem; ^{II} Doutora em Enfermagem; ^{III} Doutora em Enfermagem; ^{IV} Doutoranda em Enfermagem; ^V Doutoranda em Enfermagem	Florianópolis/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Refletir sobre os modos pelos quais Florence Nightingale é representada na produção científica de Enfermagem no período de 1950 a 2008.	A enfermagem sempre foi exercida por homens e mulheres na mesma proporção.
^I JESUS E. S.; ^{II} MARQUES, L. R.; ^{III} ASSIS L. C. F.; ^{IV} ALVES, T. B.; ^V FREITAS, G. F.; ^{VI} OGUISSO T. (2010)	^I Enfermeiras; ^{II} Doutor em Enfermagem	São Paulo/ Universidade de São Paulo	Conhecer e compreender as percepções de um grupo de enfermeiros, formados em diferentes décadas	Preconceito possibilitar a busca de estratégias de reconhecimento social e a valorização da profissão
PEREIRA, A. V. (2011)	Mestre em Ciência da Saúde	São Paulo/ Universidade Federal Fluminense	Refletir sobre as imagens de enfermeiras e enfermeiros caracterizadas ao longo da história a partir de símbolos e rituais que ainda influenciam as relações de gênero.	Existe uma complexidade na identificação da imagem contemporânea de enfermeiras e enfermeiros
WOLFENDEN, J. (2011)	Não especificado	Canadá/ Athabasca University	Investigar o papel social dos homens na enfermagem	No contexto da enfermagem os homens possuem uma representação histórica e social
ZAMANZADEH, V.; VALIZADEH, L.; NEGARANDEH R.; MONADI, M.; AZADI, A. (2013)	Não especificado	EUA/ Universidade de Medicina Kashan	Identificar fatores que influenciam o ingresso dos homens na profissão de enfermagem	Os enfermeiros do sexo masculinos enfrentam desafios únicos nesta profissão dominada pelas mulheres.
^I SOUZA, L. L.; ^{II} ARAÚJO, D. B.; ^{III} SILVA, D. S.; ^{IV} BÊRREDO, V. C. M. (2014)	^I Psicólogo; ^{II} Enfermeiro; ^{III} Não especificado	São Paulo/ Universidade Estadual Paulista Assis	Investigar as representações de estudantes de enfermagem sobre o trabalho da(o) enfermeira(o) numa perspectiva de gênero, durante o processo de formação	As questões de gênero na enfermagem, apontam práticas sexistas no âmbito da formação e da profissão

LAROCCO, S. A. (2015)	Enfermeira	EUA/ Division of Nursing at Curry College, Milton, MA		O aumento de homens na profissão de enfermagem tem contribuído para melhorar os salários, para projetar a profissão socialmente, e para alcançar melhores relações interpessoais.
^I ALMEIDA, D. B.; ^{II} QUEIRÓS, P. J. P.; ^{III} SILVA, G. T. R.; ^{IV} LAITANO, A. D. C.; ^V ALMEIDA, S. S. (2016)	^I Mestre em Enfermagem; ^{II} Não especificado; ^{III} Doutorado em Ciências; ^{IV} Enfermeira	Portugal/ Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	Identificar estereótipos sexistas da enfermagem portuguesa entre o período de 1935 e 1974	A história da mulher na sociedade se confunde com a história da enfermagem; os caminhos construídos foram demarcados por interesses políticos, econômicos e culturais

Fonte: Elaboração própria

Discussão

A análise dos artigos inseridos nessa revisão integrativa foi explanada atentando-se para os objetivos explicitados nesse estudo, sendo divididas em duas categorias como se descreve abaixo:

As transformações históricas ocorridas na enfermagem masculina

Na Pré-história, que começou antes do surgimento da escrita e teve duração até 4.000 a.C., desenvolveram-se as primeiras práticas de saúde (nas sociedades primitivas), por meio da assistência instintiva as necessidades de assistência (em saúde). Nessa época a prestação de cuidados era uma responsabilidade feminina, devido à mulher exercer o papel de cuidar da criação dos filhos (entre outras características inerentes), enquanto o homem era responsável por suprir as demais necessidades. Apesar da presença feminina ser considerada como principal protagonista desse período, muitos homens também participaram da prestação de cuidados como xamãs, sacerdotes, mágicos, feiticeiros e curandeiros espirituais (WALL, 2009; SOUZA *et al.*, 2014; ALMEIDA *et al.*, 2016).

Na Idade Antiga (Antiguidade) que vai de 4.000 a.C. até 476 (com a invasão do Império Romano), é que se tem registro da enfermagem enquanto profissão. Nesse sentido, a história refere que os homens recebiam treinamento como enfermeiros desde a época de Hipócrates 460 a.C.; no entanto, a enfermagem enquanto profissão, remonta cerca de 300 a.C., no Império Romano. Nesse tempo, o Império Romano procurou colocar um hospital em cada cidade sob seu domínio. Existiam muitos enfermeiros que ajudavam na assistência hospitalar (recém-criados). Com a prestação de cuidados de enfermagem por homens surgiu o termo *nasocomi* que significava “homens que cuidam” e desta advém o termo nosocomial que significa “adquirido no hospital” (WALL, 2009; SARNECKY, 1999).

No Oriente, a inserção do sexo masculino na enfermagem, de acordo com Sarnecky (1999) ocorreu com o surgimento da primeira escola de enfermagem para homens em 250 a.C. na Índia. Nesse tempo existia a crença de que os homens eram mais “puros” e por isso tinham melhores aptidões para se tornarem enfermeiros. Os enfermeiros hindus desenvolviam habilidades técnicas, adquiriam conhecimentos nas artes de culinária, preparo de remédios e asseio, devendo também ser puros, dedicados e cooperadores.

O Império Romano se tornou o império bizantino, então, foram criados dois hospitais dentro da grande cidade de Constantinopla, e neste existiam enfermeiros e enfermeiras, respectivamente.

Na Idade Média (Medieval) que vai de 476 a 1453 (com a conquista de Constantinopla) é que a enfermagem tornou-se mais popularizada na Europa, devido principalmente à sua propagação pela Igreja Católica. Os serviços de enfermagem na idade média eram desenvolvidos por freiras e monges. Mas, com a propagação da “peste negra” que se espalhou por toda a Europa os homens começaram a assumir as funções de enfermagem, ficando assim presentes nas ordens

religiosas, militares e não-militares. Ainda na Idade Média, Sarnecky (1999) destaca a presença de militares, religiosos e leigos na ordem de homens cuidadores de enfermagem, com destaque para: os Cavaleiros Hospitalares, os Cavaleiros Teutônicos, os Cavaleiros de São Lázaro e os irmãos do hospital de St. Anthony.

Alguns dos mais importantes santos católicos que dedicaram suas vidas ao serviço dos pobres e doentes foram: São João de Deus (1495-1550); e São Camilo (1510-1614), cujo símbolo da sua ordem “A Cruz Vermelha”, é até os dias de hoje, um símbolo primário de cuidados de saúde. É creditado à S. Camilo a criação da primeira ambulância no campo missionário de cuidados dos pobres e doentes. Esses dois santos foram, em 1930, nomeados como Santos co-padroeiros da enfermagem (COSTA *et al.*, 2009; CAMPOS, OGUISSO, 2008). Convém destacar que as raízes da enfermagem vêm da expansão do Império Romano e da Igreja Católica (onde tanto freiras como monges assumiram funções de enfermagem no ambiente hospitalar).

Na Idade moderna, que vai de 1453 a 1789 com a Revolução Francesa, ocorreu (conforme já mencionado anteriormente), a organização da enfermagem profissional na metade do século XIX, sob a liderança de Florence Nightingale, uma enfermeira inglesa que estabeleceu padrões para cuidados de enfermagem, que ainda são usados até os dias atuais. Antes da profissionalização da enfermagem por Nightingale, o trabalho de cuidar de doentes era realizado por indigentes, bêbados e pessoas incapacitadas em qualquer espécie de trabalho, sendo por isso considerado como o período de “trevas” da enfermagem. Nightingale iniciou o processo de ensino formal para enfermeiras, sendo que há época nenhum homem foi autorizado ingressar nos cursos, pois estes eram considerados inaptos para a execução de cuidados (WALL, 2009).

Segundo Pereira (2008), no Brasil as mulheres tem dominado a profissão de enfermagem, desde a sua organização da enfermagem na sociedade brasileira, por meio de um curso desenvolvido no Rio de Janeiro em 1890.

Na colonização do Brasil, foi incluída a abertura das Casas de Misericórdia, e referente ao atendimento à saúde, bem antes do início da profissionalização da enfermagem, o Padre José de Anchieta exercia as atividades de médico e enfermeiro no atendimento aos necessitados. Ainda no tempo do Brasil Colônia, os padres Jesuítas também realizavam serviços de enfermagem, além de treinar e supervisionar outras pessoas para a prestação de cuidados. No século XVIII, frei Fabiano de Cristo exerceu atividades de enfermeiro, durante 40 anos no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Um destaque também interessante consiste no fato dos escravos exercerem as atividades de enfermeiro, pois eram estes os auxiliares dos religiosos no cuidado aos doentes (JESUS *et al.*, 2010).

Portanto, durante o século XVI até o alvorecer do século XX, as ações de saúde no Brasil, creditadas atualmente à enfermagem no âmbito do feminino, eram desempenhadas, também por homens, (enquanto barbeiros, cirurgiões, padres, monges, feiticeiros, curandeiros, sacerdotes, auxiliares, entre outros). (MACHADO, 2004).

Referente à Idade Contemporânea, que foi marcada pelo começo da Revolução Francesa (1789) e se estende até os dias atuais, ocorreu um marco no Brasil com a proclamação da República (1822). No que refere à inserção do sexo masculino na enfermagem brasileira, Jesus *et al.*, (2010) diz que seu início ocorreu em 1890 no Rio de Janeiro, através da criação da escola profissional de enfermeiros e enfermeiras, do Hospício Nacional de Alienados. A direção desse hospital ficava a cargo da Igreja Católica que por ter um caráter caritativo não se preocupava com os aspectos científicos da doença, e isso desagradou a autonomia da classe médica, que em aliança com o governo substituíram as irmãs de caridade e os monges, por enfermeiros e guardas para o cuidado aos doentes homens, também contrataram enfermeiras francesas para os cuidados das mulheres, sendo que o número de enfermeiras era muito superior ao de enfermeiros. Foi a partir de 1890 com o primeiro curso formal de ensino de enfermagem que a profissão começou profissionalmente (essencialmente feminina no Brasil).

Após a primeira guerra mundial (1914-1918) houve uma grave recessão econômica no Brasil, com isso surgiram muitas epidemias, foi criado, então o departamento Nacional de Saúde Pública, dando início à assistência sanitária. Nessa foram instituídas escolas e serviços de enfermagem, organizados e dirigidos por enfermeiras; criou-se também, a Escola de Enfermagem Anna Nery, com alto nível de formação profissional, o que provocou reações de defesa aos interesses corporativos

da profissão médica (CAMPOS, OGUISSO, 2008).

De acordo com Jesus *et al.*, (2010) com o objetivo de impor limites ao padrão da Escola Anna Nery, foi criado e aprovado o regulamento do serviço de saúde do exército, denominada Escola Sanitária Divisionária, onde sob a subordinação, supervisão e responsabilidade de médicos militares, apenas homens com formação militar poderiam exercer a função técnica em saúde, passando posteriormente a enfermeiros do exército, excluindo-se total e legalmente as mulheres dos cuidados aos doentes, nas instituições de saúde comandadas por militares.

A presença masculina na enfermagem encontrou na religião uma das possibilidades de acesso ao ensino profissional. No entanto, na história da enfermagem brasileira, o ingresso profissional do primeiro homem a estudar na Escola de Enfermagem da USP em 1918, foi Benoni de Sousa Lima, que já trabalhava como “Enfermeiro Auxiliar”, tendo apenas a prática na área da enfermagem (CAMPOS, OGUISSO, 2008).

O aceite do primeiro homem a estudar na Escola implica supor que a enfermagem nacional, fundada na representação dominante da enfermeira, perdia sua hegemonia, ou ainda, reinseria o homem na formação profissional, cuja contribuição inclui a Cruz Vermelha Brasileira. Ainda que a inclusão de homens [...] na enfermagem estivesse em curso, as vicissitudes deste processo não foram aceitas de forma pacífica ou unidirecionalmente (CAMPOS, OGUISSO, 2008, p. 897).

Olhando para o passado da enfermagem Jesus *et al.*, (2010) chama a atenção para o fato de que ao longo do tempo a noção popularmente difundida de que a enfermagem não era para homens, em diferentes momentos da história, limitou a inserção masculina na profissão de enfermagem.

Atualmente a sociedade contemporânea vem produzindo outros tipos de valores, onde os homens não são visto apenas com as características impostas historicamente, isso é visto, principalmente, nas mudanças que têm ocorrido na profissão de enfermagem onde o sexo masculino totalizava 184.942 e representa 12,76% dos Enfermeiros no Brasil, no ano de 2010. Esse mesmo censo, realizado pelo Conselho Federal de Enfermagem ainda refere que a maioria dos profissionais de enfermagem era do sexo feminino totalizando 1.264.641 (que corresponde a 87,24%) (COFEN, 2011).

Portanto, a importância do homem na enfermagem é tão grande quanto à importância da mulher, para manter a arte de cuidar. Mas apesar dos avanços, ainda é difícil a inserção do homem em uma atividade profissional predominantemente feminina. E uma dessas dificuldades consiste no preconceito estigmatizante atribuídos aos enfermeiros do sexo masculino (OJEDA *et al.*, 2008).

Preconceitos existentes na atuação do enfermeiro do gênero masculino e as transformações ocorridas no seu trabalho

O que se observa segundo Parga *et al.*, (2000) é que os fatores culturais e sociais foram predominantes para a exclusão do sexo masculino na enfermagem; isso, ainda é uma realidade em muitas áreas de atuação do enfermeiro

No entendimento de Brady e Sherrod (2003), os homens que entram em uma profissão predominantemente feminina são percebidos com mais desconfiança do que as mulheres. Esse autor chama a atenção para o fato de que a influência do movimento dominante do sexo feminino no século XIX promoveu uma ideologia histórica sobre a profissão de enfermagem onde o homem enfermeiro teve pouco significado, apesar de serem notadas importantes contribuições dos homens, tanto na história da enfermagem em épocas de paz, como nas cruzadas e guerras.

De acordo com Costa *et al.*, (2009) historicamente Florence Nightingale modernizou a enfermagem é preconizou que esta era uma profissão para mulheres, pois eram as mulheres naturalmente preparadas para exercer o cuidado como uma ação intuitiva do gênero feminino.

Apesar de historicamente, a enfermagem ser descrita como uma profissão feminina, atualmente nessa profissão tem crescido o processo de masculinização, ou seja, a inserção da presença do sexo masculino (SANTOS, TAKAHASHI, 2000).

Para Souza *et al.*, (2014) nos dias atuais os enfermeiros (homens) frequentemente, enfrentam desafios e restrições de gênero, não sendo admitidos em algumas áreas como, ginecologia e obstetrícia, pois geralmente as mulheres dão preferência as enfermeiras. Os homens enfermeiros ficam nos cargos de liderança e em especialidades como urgência e emergência.

No entanto, Pereira (2011) refere que a relação estabelecida entre a enfermagem e o gênero feminino é um fator determinante na segregação técnica, política e social do trabalho, pois infringe um menor valor profissional para quem a exerce, tanto homens quanto mulheres.

A discriminação e preconceito geral na enfermagem no entendimento de Pereira (2011), Machado (2004) estão atrelados a figura feminina, pois muitos valores (fragilidade, resignação e emoção) são atribuídos as mulheres, características de não ser capaz de reclamar contra as adversidades, ficando conformadas com tudo, e que são considerados como elementos negativos nas relações de trabalho. No entanto ao homem é atribuída a imagem de forte, viril, rude e provedor, de ações capazes de subordinar a emoção e a razão. Essa problemática de gênero determinou a “feminização” da enfermagem e também pontuou a relação social do trabalho na enfermagem.

Segundo Wolfenden (2011), no exercício da enfermagem é preciso saber que as consequências da divisão sexual do trabalho impactaram o próprio exercício profissional da enfermagem pelos enfermeiros do sexo masculino.

De acordo com Parga *et al.*, (2001), os enfermeiros do sexo masculino enfrentam preconceitos em seu contexto social e em seu trabalho; estes são (muitas vezes), são questionados acerca de sua orientação sexual, e esse fator é também um obstáculo na relação profissional com o paciente. Um rótulo que acompanha o enfermeiro do sexo masculino e é considerado como um enorme preconceito consiste, nas questões de que estes sejam homossexuais, ou que fizeram enfermagem por não conseguir ingressar na carreira de medicina; esses entre outros preconceitos e estigmas, acompanham uma realidade na vida social e profissional do enfermeiro do sexo masculino na atualidade.

No trabalho exercido pelos enfermeiros do sexo masculino, usualmente em uma coleta de exame citopatológico, (por exemplo), existe grande recusa por parte das mulheres em serem atendidas pelo homem enfermeiro; no entanto, isso não acontece quando este é um médico, o que denota preconceito e discriminação, levando também a desvalorização social do profissional (PARGA *et al.*, 2001).

Nessa direção, apesar de atualmente existir enfermeiros do sexo masculino trabalhando em diversas áreas da assistência de cuidados de enfermagem, em áreas muito específicas tais como obstetrícia e neonatologia, ainda existem preconceitos (MACHADO, 2004).

Zamazadeh *et al.*, (2013) sugerem que o recrutamento e inserção de homens para trabalhar na enfermagem podem melhorar o status social da profissão. Nesse sentido, esse autor refere que o recrutamento de homens na enfermagem tem duas vantagens principais: primeiro, aliviar a escassez de homens na enfermagem alterando o pensamento da população que percebe a enfermagem como uma profissão feminina; e segundo, a entrada dos homens na enfermagem pode causar um maior desenvolvimento no valor profissional em relação a outras profissões da saúde.

Ainda de acordo com Zamazadeh *et al.*, (2013), existe uma vantagem na relação de trabalho do enfermeiro do sexo masculino. Para esse autor, os enfermeiros do sexo masculino conseguem avançar com maior rapidez na carreira profissional, exercendo posições de chefia e comando em um tempo menor do que as mulheres que possuem o mesmo conhecimento técnico.

Brady e Sherrod (2003) chamam a atenção para que sejam abandonados os estereótipos, preconceitos e discriminações sofridas pelos enfermeiros, pois a construção futura requer que os homens tenham igualdade de oportunidades, em todas as atividades de enfermagem que eram exclusivamente femininas. Larrocco (2015) destaca que as contribuições dos homens na construção da história de enfermagem devem ser reconhecidas de forma mais positiva, permitindo aos enfermeiros a oportunidade de cumprir as suas funções, com pleno conhecimento do seu lugar na trajetória dessa profissão.

Importante foram as contribuições dos homens que assumiram papéis na enfermagem no passado, mas, atualmente estes podem prestar diversos outros tipos de cuidado no mundo contemporâneo melhorando também os modos de vida da sociedade (ZAMANZADEH *et al.*, 2013).

De acordo com Wall (2009) os homens que se tornaram enfermeiros durante meados do século XX seguiram tipicamente caminhos masculinos de administração, socorros de emergência, anestesia, (papéis altamente técnicos), e enfermagem militar.

Sabe-se que, historicamente, a profissão de enfermagem tem demonstrado sua capacidade de adaptação às mudanças e necessidades de saúde. O que se percebe é que a enfermagem mundial está em crescente mudança, e isso ocorre de diversas formas em diferentes países, em alguns locais, isso é mais lento; em outros, a prática é alterada de acordo com a necessidade da população (PEREIRA, 2008). Portanto, como uma profissão dinâmica, a enfermagem é responsiva e está se adaptando para atender às necessidades dos pacientes e da comunidade.

Conclusão

Florence Nightingale empoderou o trabalho das mulheres, o que foi um grande feito pra aquela época; no entanto, diminuiu o ingresso dos homens na enfermagem. A história mostra, porém que os homens têm trabalhado no processo de cuidar em enfermagem desde a antiguidade, exercendo o atendimento enquanto xamãs, curandeiros, magos e sacerdotes nas sociedades primitivas.

Também se observa que, na enfermagem, os homens tiveram um maior predomínio durante as ordens religiosas no período medieval, e durante e após a Primeira e Segunda Guerra Mundial, onde eram necessários enfermeiros do sexo masculino, principalmente em hospitais e campo de guerra.

Convém mencionar que existe escassez de publicações relacionadas ao trabalho desenvolvido pelo gênero masculino na enfermagem. Nos artigos que versam sobre o tema específico, nota-se que esse fenômeno é algo mais recente, pois as questões referentes ao cuidado dos enfermos/doentes, os locais onde os enfermeiros homens trabalham, as especialidades na profissionalização, a valorização social da enfermagem (com a inserção masculina), e outras questões, ainda precisam ser melhor elucidadas.

De certa forma os artigos respondem aos fenômenos das relações de gênero, estigmas, ofensas, discriminação e preconceitos sofridos pelos homens enfermeiros, e embora esse tema não se esgote, e a literatura escrita apresentada nessa revisão integrativa seja escasso dada à relevância do assunto, esse estudo pode ser útil para investigar outras vertentes, como o papel social do gênero masculino na enfermagem; as interações sociais dos enfermeiros e os avanços salariais, entre outras possibilidades.

Embora o número de homens que ingressam na profissão de enfermagem esteja mundialmente em ascensão, o preconceito relacionado ao gênero continua a existir para os homens na enfermagem no Brasil e em outros países, com isso, destacamos que uma proporção significativa das literaturas consultadas nessa revisão tem dedicado atenção ao dilema de uma carreira dominada pelas mulheres e as dificuldades dos homens nessa ocupação predominantemente femininas.

Assim, este estudo contribui para o entendimento teórico de como os homens ingressam em uma profissão dominada por mulheres, respondendo dessa forma aos objetivos iniciais desse trabalho.

Referências

ALMEIDA, D. B. *et al.* Sexist stereotypes in portuguese nursing: A historical study in the period 1935 to 1974. **Esc. Anna Nery**, v. 20, n. 2, p. 228-235, 2016. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n2/1414-8145-ean-20-02-0228.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

BARBOSA, E. S. B. *et al.* Homens na Enfermagem. A sustentabilidade do processo de trabalho da enfermagem. **Anais**. 61^a Congresso Brasileiro de Enfermagem, 2009.

BRADY, M. S.; SHERROD, D. R. Retaining men in nursing programs designed for women. **Journal of Nursing Education**, v. 42, n. 4, p. 159-162, 2003. Disponibilidade em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12710806>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

CAMPOS, P. F. S.; OGUISSO, T. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 61, n. 6, p. 892-898. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n6/a17v61n6.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

COSTA, R. *et al.* O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. **Texto contexto - enferm.**, v. 18, n. 4, p. 661-669, 2009. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/07.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

COELHO, E. D. A. C. Gênero, saúde e enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 58, n. 3, p. 345-8, 2005. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n3/a18v58n3.pdf>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais.** Disponibilidade em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf>> Acesso em: 4 mar. 2016.

GUANAES-LORENZI, C. A construção do cuidado no diálogo entre usuários e profissionais de saúde. **Saúde & Transformação Social**, v. 4, n. 3, p. 43-51, 2013. <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/2287>>. Acesso em: 4 mar. 2016.

JESUS, E. S. *et al.* Preconceito na enfermagem: percepção de enfermeiros formados em diferentes décadas. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 44, n. 1, p. 166-173, 2010. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a24v44n1.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2016.

LAROCCO, S. A. Men as Nurse Anesthetists. **American Journal of Nursing (AJN)**, v. 115, n. 10, p. 68-69, 2015. Disponibilidade em: <https://journals.lww.com/ajnonline/FullText/2015/10000/Men_as_Nurse_Anesthetists.35.aspx>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MACHADO, W. C. A Gender, health and nursing: The male inclusion in the nursing care. **Online Brazilian Journal of Nursing (OBJN)**, v.3, n.2: 58-68, 2004. Disponibilidade em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4922/pdf_770>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MACWILLIAMS B. R.; SCHMIDT, B.; BLEICH, M. Men in Nursing. **Am. J. Nurs.**, v. 113, n. 1, p. 38-44, 2013. Disponibilidade em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23247678>> Acesso em: 10 mar. 2016.

MARTINS, C. *et al.* Perfil do enfermeiro e necessidades de desenvolvimento de competência profissional. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 472-478, 2006. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n3/v15n3a12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes. 2001.

NETO, PEREIRA, A. F. Interfaces da história da Enfermagem: uma potencial agenda de pesquisa. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 10, n. 3, p. 524-531, 2006. Disponibilidade em: Acesso em: 10 mar. 2016.

OJEDA, B. S. *et al.* Knowledge and truths about nursing: discourse of new students. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 1, p. 78-84, 2008. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v10n3/v10n3a23.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

PADILHA, M. I. C. S.; MANCIA, J. R. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 58, n. 6, p. 723-6, 2005. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n6/a18v58n6.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

PARGA, E. J. *et al.* Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 14, n. 1, 2001. Disponibilidade em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/1776/1/3846-9292-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PEREIRA, P. F. **Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional**. Dissertação (Mestrado)-Escola de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

PEREIRA, A. V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Caderno Espaço Feminino**, v. 24, n. 1, 2011. Disponibilidade em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/14218/8139>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antigüidade oriental e ocidental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene**, v. 2, n. 1, 2012. Disponibilidade em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/5837/4146>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SANTOS, C. E.; TAKAHASHI, R. T. Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 53, n. 2, p. 183-191, 2000. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v53n2/v53n2a03.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SOUZA, M. T., SILVA, M. D., CARVALHO, R. Revisão Integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8 (s.n.), p. 102-106, 2010. Disponibilidade em: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf> Acesso em: 01 jan. 2016.

SOUZA, L. L. *et al.* Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Ciências & Cognição**, p. 218-232, 2014. Disponibilidade em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

SARNECKY, M. T. Parte inferior do formulário **A History of the US Army Nurse Corps**. 536 p. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. Disponibilidade em: Acesso em: 10 mar. 2016.

WOLFENDEN, J. Men in nursing. **Internet Journal of Allied Health Sciences and Practice**, v. 9, n. 2, p. 5, 2011. Disponibilidade em: <<https://nsuworks.nova.edu/ijahsp/vol9/iss2/5/>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

WALL, B. M. Religion and Gender in a Men's Hospital and School of Nursing, 1866–1969. **Nursing research**, v. 58, n. 3, p. 158, 2009. Disponibilidade em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19448519>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

ZAMANZADEH, V. *et al.* Factors Influencing Men Entering the Nursing Profession, and Understanding the Challenges Faced by Them: Iranian and Developed Countries' Perspectives. **Nurs Midwifery**, v. 2, n. 4, p. 49-56. 2013. Disponibilidade em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4228905/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 17 de dezembro de 2018.